

## FOREIGN LANGUAGE TEACHING /GLOTODDIAKTIK

- Joanna OLSZOWA: Der Konstruktivismus – ein „Paradigma-  
wechsel“ im Fremdsprachenlernen und -lehren? ..... 163

## REVIEWS/REZENSIONEN UND BESPRECHUNGEN

- Jürgen Quetz; Gerhard von der Handt (Hrsg.): *Neue Sprachen  
lehren und lernen: Fremdsprachenunterricht in der  
Weiterbildung*. Deutsches Institut für Erwachsenenbildung.  
Bielefeld: Bertelsmann 2002 (Perspektive Praxis)  
(Sabina Barczyk) ..... 177
- Roman Minich: *Kamezopua cymnosa u dwińnicka cymnosa  
& nozau XX eeka*. Wydawnictwo Uniwersytetu  
Marii Curie-Skłodowskiej, Lublin 2002 (*Mykoha Zymomya/  
Wojciech Kowalski*) ..... 185
- Norbert Mappes-Niediek: „*Österreich für Deutsche  
Einblicke in ein fremdes Land*“. Ch. Links Verlag.  
Berlin 2002 (*Andrzej Materna*) ..... 189

## IN MEMORIAM

- Professor Tadeusz Namowicz (*Isabella Golec*) ..... 195

## MISCELLANEOUS/MISZELLEN

- Argemiro PROCÓPIO: A unipolaridade e o desequilíbrio  
do terror ..... 201

## LITERATURE/LITERATUR

LUBELSKIE MATERIALY NEOFILOLOGICZNE NR 27, 2003

Anna Kalewska

### Monstros marinhos em exemplos escolhidos de literatura portuguesa

A exatidão dos conhecimentos introduzida nas representações cartográficas provocou, no dealbar da época quinhentista, uma completa revolução no saber, opondo à autoridade dos Antigos a experiência dos modernos portugueses, fazendo também coexistir, a par das novas realidades, crenças herdadas da ciência antiga. Duarte Pacheco Pereira, representante da geração anterior à de Pedro Nunes e Garcia da Orta, ao mesmo tempo que considerava a experiência «madre de todas as coisas», admitia existirem cobras de um quarto de légua de longo... Damião de Góis, um dos maiores humanistas portugueses, aceita como verídico, na *Crónica de D. Manuel*, o testemunho de se verem tritões a sair do oceano, declarando ele próprio ter ouvido falar um elefante. Assim se justifica certo desdém com que são encarados os homens de formação humanística, cultos, mas sem a virtude de comparar experimentalmente e com rigor todos os novos conhecimentos, porque «a experiência é madre das coisas, por ela sobemos radicalmente a verdade.»<sup>1</sup>

Portugal alarga a Catolicidade, os navegadores, cosmógrafos e médicos sentem-se obrigados a preencher lacunas e corrigir as fábulas da Antiguidade, descobrindo as novas espécies animais e vegetais e

<sup>1</sup> D. Pacheco Pereira: *Esmeraldo de Situ Orbis*, ap. (org., introd. e notas) M. E. Tarracha Ferreira: *Literatura dos Descobrimentos e da expansão portuguesa*, Ulisseia, Lisboa s.d. (1993), p. 457.

descrevendo-as cientificamente. D. João de Castro considera-se prático da expansão, contrapondo à ignorância dos Antigos o conhecimento exacto, obtido pelos portugueses e resultante da experiência orientada cientificamente, o «saber de experiência feito». Surgiu assim o conflito de mentalidades que opunha os humanistas típicos aos modernos, i. e., ligados mais ou menos directamente à Expansão ultramarina. Tanto uns como outros foram munidos de uma portentosa força de imaginação, apresentando como principal marca distintiva de pensamento discursivo e emotividade um sistema de referências que accentua a alteriidade, sem se preocupar, porém, com a chamada vivência do quotidiano ou o critério de verosimilhança. Muitas vezes a fantasia amparava a falta de saber experimental e na descrição do Novo Mundo se cumpria a regra aristotélica que «de preferir às coisas possíveis mas incríveis são as impossíveis mas críveis»<sup>2</sup>, toda uma fauna de monstros marinhos, que ora se mataram ou foram mortos ora fugiram e sobreviveram, povoando o nosso mundo de sonhos e continuando a despertar curiosidade de muitos leitores. E há ainda hoje quem sonhasse vencer os monstros e matar os dragões para ir apanhar as maçãs de ouro ... nas asas aladadas de fantasia.

A revelação de novos espaços, paisagens, flores, faunas, costumes e religiões, as aventuras e peripécias de viagens propiciaram os relatos mais fabulosos que os dos romances de cavalaria e dos poemas da Antiguidade. Não se trata do lado crítico e negro da Expansão portuguesa, mas sim, do olhar apaixonado, maravilhoso e maravilhado, deslumbrado pela beleza de homens e mulheres marinhos, de grandes e pequenos monstros, de sereias e tritões... Em virtude disso empreenderemos uma viagem ao maravilhoso do mundo marinho, lendo e apresentando alguns trechos de «livros de maravilhas» em prosa e verso.

Relações de temor, de fascinação e de aventura marcaram a relação da Humanidade com o meio marinho, fosse ele esse lago salgado de temperaturas amenas e rodeado de terras que é o Mediterrâneo, fosse a vastidão desconhecida do Atlântico instável, para além do qual se encontraria, conforme as crenças e as épocas, o Inferno – ou o Paraíso. O mar, símbolo duplo da vida e da fecundidade – pelas águas associadas à vida e ao nascimento desde o ventre materno - representaria, no inconsciente colectivo, o lugar onde muitas espécies se desenvolveram, mas do qual foram rejeitadas na sequência evolutiva na Terra. Na Antiguidade as ondas constituíram um cenário perfeito de lendas célebres e feitos heróicos, dos quais a *Odisséia*, de Homero, será o exemplo mais flagrante. Lugar não dominado pelo Homem, o mar-oceano tornou-se, desde logo, no espaço habitado por monstros e seres fantásticos.

Também Portugal desde cedo conheceu essas criaturas marítimas que povoaram de formas diferentes o imaginário dos povos das regiões costeiras, da Escandinávia à Bretanha, da Irlanda ao País Basco: as sereias, nereidas, tritões... Confrontam-se autores clássicos, genealogias mitológicas: estas são filhas de Nereu, as outras são descritas como seres alados, com penas e patas de ave, que tentam os companheiros de Ulisses – ele resiste-lhes, amarrado ao mastro, eixo do mundo e da consciência, «que não se verga ao desejo»<sup>3</sup>. Em parte pela mitologia grega, em boa parte pela tradição nórdica, as sereias entraram nas artes, na cultura popular e no imaginário colectivo portugueses (e mundial) com os característicos corpos femininos, longos cabelos e caudas de peixe. Já na Idade Média uma mulher do mar surgiu a fundar uma família...

Parentes afastadas das ninfas aquáticas ou mais próximas das fadas dos livros de linhagens medievais, membros de uma vasta família que

<sup>2</sup> Aristóteles: *Poética*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 1998, cap. XXIV.158, p. 142.

<sup>3</sup> N. Alexandra: *Sereias, tritões, nereidas*. Em: “História”, Nº 48, Setembro 2002, p. 27 (agradeço à Prof<sup>te</sup> D<sup>ra</sup> Tamara Sobolska, minha cara Colega do Instituto de Estudos Ibéricos e Iberoamericanos a sugestão da leitura e o aproveitamento transcritor deste artigo).

integra as *russalkas* eslavas, as *nixen* germânicas, os *spunkies* escoceses, as *lamias* bascas, a protagonista do mito romântico da Lorelei do Reno, as versões da Deusa-Mãe dos cultos antigos, as seretas difundiram-se por todo o mundo – por vezes através das influências culturais levadas pelos Europeus às Antilhas, a África ou ao Japão.<sup>4</sup>

No dealbar do Renascimento o mar deixou de meter medo<sup>5</sup> e ser o lugar dos Infernos para se tornar no reino das maravilhas e de ilhas encantadas. E ao contrário de Franceses, que projectam no Oriente as terras do maravilhoso, os Portugueses vão procurá-lo à largueza do Atlântico. O Oriente e o Brasil virão depois. O meio oceânico será o lugar das maravilhas por descobrir.

Entretanto, na Idade Média a sereira irá fixar-se nas suas características ictiófagas (i. e., com cauda de peixe). Será vista, ainda, como emblema de perdição, do perigo da sua bela voz, que arrastará os mareantes para as profundezas das águas oceânicas. À voz maravilhosa associa-se sempre a enorme beleza física. Às vezes uma sereira toca instrumentos musicais<sup>6</sup>; vários autores, tanto medievos como posteriores, vêem-na como emblema da luxúria.

Em pleno entusiasmo das viagens marítimas, quando novos mundos de povos africanos, sul-americanos o orientais, fauna e flora se abrem à curiosidade do homem europeu, e, por outro lado, quando o Renascimento recupera e reintegra a cultura clássica, surgem atitudes diferentes perante estas estranhas formas de vida anfíbia. Na sua utilização do panteão clássico, Luís Vaz de Camões faz distinções muito particulares entre nereidas e sereias. As primeiras eram ninfas

<sup>4</sup> *Ibid.*, pp. 27-28.

<sup>5</sup> Autores como Santo Isidoro de Sevilha, seguindo a corrente dos clássicos viram nas distâncias salgadas o reino dos prodígios e dos seres fantásticos. As viagens de São Brandão, até aos séc. XIII acentuam a ideia de mar como o lugar-limite do mundo, próximo da morte.

<sup>6</sup> O tecto da Sala das Sereias do Palácio da Vila de Sintra, do amigo guarda-roupa real, já no séc. XVII (c. De 1660) representa as sereias tangendo guitarras e harpas.

do mar, «alvas filhas de Nereu», o deus do Mediterrâneo e de Dóris, filha do Oceano. As nereidas - todas de grande beleza - eram cinquenta, segundo Hesíodo, e pelo poeta épico Lusitana foram munidas de atributos que se dão à sereira, manejando graciosamente a cauda de peixe e deixando, talvez, entrever os peitos de mulher. Eram entidades benévolas, aparecendo na companhia de Vénus e ajudando os navegantes portugueses a não se perderem na atribulada viagem até a Índia:

Mas a linda Ericina, que guardando  
Andava sempre a gente assinalada,  
Vendo a cilada grande e tão secreta,  
Voa do Céu ao mar como uma seta.

Convoca as alvas filhas de Nereu,  
Com toda a mais cerúlea companhia,  
Que, porque no salgado Mar nasceu,  
Das águas o poder lhe obedecia.  
E propondo-lhe a causa a que desceu,  
Para todos juntamente se partia.  
Para estorvar que a armada não chegasse  
Aonde para sempre se acabasse.

Já na água erguendo vão, com grande pressa,  
Com as argênteas caudas branca escuma;  
Cloto co' o peito corta e atravessa  
Com mais furor o mar do que costuma.  
Salta Nise, Nerine se arremessa  
Por cima da água crespa em força suma.  
Abrem caminho as ondas encurvadas,  
De temor das Nereidas apressadas.

(*Os Lusíadas*, II, 18, 5-8 e 19, 20).

Ericina é Vénus, porque tinha um templo no cimo do monte Erix, na Sicília. Cloto, Nise e Nerine são nomes de nereidas, sendo a primeiro errado, pois que Cloto não faz parte das Nereidas, mas sim das três Parcas. O poeta possivelmente quis referir-se a Doto... Algumas das nereidas ficaram famosas na literatura: Tétis, Anfítrite,

Galateia, Panopeia, entre outras ... As nereidas vivem com o pai (Nereu), ocupadas em fiar com fusos de ouro, a tecer e a cantar, sentadas em trono de ouro numa gruta brilhante ou num palácio de luz, situado no fundo do mar Egeu e pertencendo a Neptuno. Os poetas também as imaginam a divertir-se entre as vagas, deixando flutuar a cabeleira, nadando por aqui e por ali entre tritões e delfins. Tinham o poder de acalmar as águas e representavam as ondas. O aposento dessas divindades de mar tem os seus encantos épicos:

No mais interno fundo das profundas  
Cavernas altas, onde o mar se esconde,  
Lá donde as ondas saem fúribundas  
Quando às iras do vento o mar responde,  
Neptuno mora e moram as juncundas  
Nereidas e outros Deuses do mar, onde  
As águas campo deixam às cidades  
Que habitam estas húmidas Deidades  
(*Os Lusíadas*, VI, 8)

As juncundas nereidas são umas entidades alegres e bem-intencionadas, acólitas de Vénus, deusa do Amor que personifica a beleza e as paixões humanas, sendo «afeiçoada à gente Lusitana» por reconhecer nos Portugueses as qualidades e as virtudes do Povo Romano e – antes de mais nada – por ter gostado da língua portuguesa, que «com pouca corrupção crê que é a Latina» (I, 33, 8). Todas vinham por vezes à superfície, para destruir os tritões e outros monstros marinhos. Tratava-se, por isso, de divindades benfazejas. «O belo coro (...) das nereidas» (IX, 50, 1-2), guiado por Vénus, acompanhará os navegadores portugueses na Ilha dos Amores. Tétis, Deusa do Mar, foi a mais famosa das nereidas.

Por sua vez, as sereias («sirenas»), segundo as lendas antigas, atraíam e enfeitavam com seus cantos os navegantes para os devorar. Homero e Vergílio, poetas grego e latino, autores de epopeias descreviam os sucessos dos seus «Semideuses» seduzidos, porém, pelo canto ensurdecedor dessas divindades de má índole: «Fingindo

magas Circes, Polifemos,/ Sirenas que có'o canto os adormecem» (V, 88, 3-4). As sereias açoreanas têm, vulgarmente, os cabelos ruivos, o que, na crença popular, justificará a ascendência céltica de povoações onde predomine aquela cor de cabelo, de todo rara na população lusa e de carga simbólica negativa; o ruivo foi associado ao enxofre ou às potências infernais, sendo esta a cor dos cabelos de Judas<sup>7</sup>.

Mas a «angélica Sirena» ou «a Ninfa» ou «a bela Deusa» vai profetizar, no canto décimo de *Os Lusíadas*, aquando do banquete oferecido por Tétis e restantes ninfas aos navegadores, descreve os feitos futuros dos Portugueses, profetizando também ao «invicto e forte Luso» conquististas e vitórias em todas as partes do mundo. Pois, «acharão estas Ninfas e estas mesas./ Que glórias e honras são de árduas empresas» (10, 73, 7-8). Na epopeia camoniana «... as formosas Ninfas, co'os amantes/ Pela mão, já conformes e contentes./ Subiam para os paços radiantes./ E de metais ornados reluzentes» (X, 2, 1-4) para participar nas esponsais da Rainha do Mar (Tétis) e de Vasco da Gama divinizado. Na última profecia a própria Tétis, Deusa do Mar, mostra a Gama uma miniatura do Universo, a famosa Máquina do Mundo e os lugares onde os Portugueses vão praticar altos feitos. Seriam as sereias, no olhar camoniano, finalmente apaziguadas e identificadas com as ninfas congéneres às nereidas, ontologicamente próximas das deusas marinhas? Parece que sim, tomando em consideração o facto de que as as misteriosas mulheres têm o seu culto em Homero, embora só modernamente apareçam ligadas à Natureza, concretizada nas montanhas, nas planícies, nas árvores, fontes e rios. As ninfas foram mulheres jovens que povoaram campos, bosques, fontes e também a imaginação de poetas do Renascimento. Estão sempre ligadas à água: se vivem no campo, concentram-se nos bosques sombrios e nas cavernas húmidas, que simbolizam aos mesmo tempo o nascimento e a morte; são também os espíritos da fecundidade e da graça da natureza.

<sup>7</sup> N. Alexandra, op. cit., p. 29.

Na Antiguidade, as ninfas foram associadas às Musas (ou vice-versa), pelo que também são consideradas inspiradoras poéticas. Camões, a iniciar *Os Lusíadas* estava a seguir as regras dos poemas épicos da Antiguidade quando fez invocação às ninfas do Tejo - «Tágides minhas» - para que o inspirem e lhe dêem a eloquência que a epopeia merece. No canto sétimo invocará novamente «Ninfas do Tejo e do Mondego» (VII, 78, 3) que o ajudem, porque o poeta tem grande medo que o seu «fraco batedel se alague cedo» (VII, 78, 8). Tanto chamada «Sirena» como «Ninfas», coube a esta personagem exprimir, na famosa oitava de palinódia de deuses, a falsidade dos monstros pagãos, «fingidos de mortal e cego engano» (X, 82, 4) em prol do Deus único. O sobrenatural de *Os Lusíadas* (tanto no feminino como no masculino) tinha que se reconciliar com as verdades da fé sem tolher liberdade criadora do poeta.

Os tritões - ora o maravilhoso de monstros marinhos de sexo masculino - têm também lugar marcado na obra cannoniana. Tritão era contrapartida mitológica de sereia, metade homem, metade peixe, talvez de estatuto ontológico um tanto mais elevado, por ser deus marinho, filho de Neptuno e de Anfírite (uma das nereídas). Aparece pela primeira vez no início do canto segundo, logo depois das nereídas, transportando nos ombros, «com gesto aceso», a «linda Dione furiosa», i.e. a própria Vénus, indignada com as ciladas dos mouros. Quem a leva não sente «doce peso» e a «carga tão formosa» (II, 21, 1-4). Geralmente representado como um monstro bastante feio, tritão era mensageiro do pai como inimigo de Baco e simpaticizante da aventura dos argonautas portugueses:

Julgando já Neptuno que seria  
Estranho caso aquele, logo manda  
Tritão, que chame os Deuses da água fria,  
Que o mar habitam duma e doutra banda.  
Tritão, que de ser filho se gloria  
Do Rei e de Salácia veneranda,  
Era mancoço grande, negro e feio,  
Trombeta de seu pai e seu correio.»

(*Os Lusíadas*, VI, 16)

Outra leitura faz Damião de Góis dos clássicos. O grande humanista lê o que os autores romanos escreveram e junta-lhes as vozes correntes - umas opiniões sóbrias que vão sempre desaguar o mito. Leia-se um pouco da sua *Descrição da Cidade de Lisboa*, escrita em 1554, a propósito da aldeia de Colares, perto de Sintra:

Não muito longe desta aldeia, debaixo de um rochedo sobranceiro ao mar, há uma gruta, batida pelo Oceano. As ondas penetram lá dentro e, entrecrocando-se, produzem enorme ruído. O nosso povo julga que ali foi visto outrora um tritão a cantar a sua concha.

Eu realmente não me atrevo a afirmar nada a este respeito, tanto mais que o litoral pode ser visto e examinado pelos que o vão costeando. Já Plínio dizia que, nos tempos de Tibério César, fora visto e ouvido na Lusitânia um tritão. «Uma embaixada», escreve o historiador, «finda expressamente de Lisboa e mandada a Tibério, testificou que numa gruta se avistara um tritão a cantar com uma concha, apresentando-se com o aspecto conhecido.

(...) Nos nossos dias encontram-se, em muitos lugares próximos àquela praia, uns homens que os habitantes deram em chamar, por causa da sua natureza e origem, homens marinhos, por apresentarem na superfície da pele umas asperezas ou escamas espalhadas quase por todo o corpo, como se fossem vestígios da sua antiga raça. E creem os habitantes que os tais homens devem a sua origem e a sua natureza aos homens marinhos ou tritões.<sup>8</sup>

Damião de Góis prossegue as suas reflexões, evocando a convicção corrente segundo a qual os tritões se miscigenaram com as populações do lugar, após períodos de convivência pacífica mútua. Volta a dar exemplos:

Nos nossos dias, um homem andava à pesca, com linha e anzol, entre os rochedos do Promontório Bárbaro (Cabo Espichel), perto da capela de Nossa Senhora: inesperadamente saltou para um rochedo um tritão macho, com a barba comprida, longos cabelos, peito crespo, rosto não muito disforme, e aspecto perfeitamente humano. (...) de repente, tomado de medo, dando um grito, com voz quase semelhante à voz humana, precipitou-se rápido no mar. É isto o que o

<sup>8</sup> D. De Góis: *Descrição da cidade de Lisboa*, ed. Frenesi, Abril de 2000, a partir da 1ª ed. portuguesa, do original latino de 1554, trad. R. Machado, pp. 30-34, ap. p. N. Alexandra, op. cit., p. 29.

pescador conta ainda agora, com muita ordem e belas palavras, a todos os que o quem ouvir. (...)

Quase por esse mesmo tempo, em frente da capital, na outra banda do rio, não longe da fortaleza que os nossos chamam Barreiro, junto a uma quinta do fidalgo Afonso de Albuquerque, o mar aitou para a praia um homem marinho, com o mesmo aspecto, mas morto.<sup>9</sup>

O nosso humanista acrescenta outra prova à existência de seres marinhos, citando um contrato entre o rei D. Afonso III (1245-1279) e o mestre dos cavaleiros de São Tiago, D. Paio Peres, onde se determinaria que o tributo de sereias e de outros animais pescados nas praias desta ordem militar deveria reverter a favor da Coroa. Góis conclui: «Donde se colige facilmente que as sereias foram frequentes nas nossas águas, visto que acerca delas se promulgou uma lei.»<sup>10</sup> É de lembrar que no Palácio da Pena em Sítira o Arco dos Trições está decorado em estilo neomanuelino e guardado por um monstro marinho de sexo masculino...

Seria incompleta a nossa abordagem dos monstros marinhos em *Os Lusíadas* (1572) sem uma referência a *Adamastor*, o famoso *Morrenço* do poema pessoano. Adamastor – feio que nem um ... trião! – era um gigante, filho da Terra, como Encélado, Centimano e Egeu. Tomou parte da Guerra dos Gigantes e podia gozar de uma sorte melhor – da do «capitão do mar», se os deuses não o transformassem no Cabo das Tormentas (futuro Cabo da Boa Esperança). Foi o castigo dado pela sua paixão por Tétis, que o despreza, por tê-la vista nua na praia (V, 51-59). Com a «carne convertida em terra dura», «irado e quase louco» o Adamastor condensa em si todos os medos que suscitava o Mar Tenebroso, com o imaginário domínio de forças sobrenaturais e maléficas. O mito de Adamastor exprime as ansiedades e os desassossegos do homem branco sobre África, desdobrando-se em mais significados simbólicos. Como observou George Monteiro:

<sup>9</sup> Ibid., p. 30.

<sup>10</sup> Ibid.

The symbolic figure of Adamastor has come to stand for many things. Beginning as the symbol of African threat and danger to the European sailor, transforming itself into the symbol of the European menace to Africa itself, and finally into the symbol of Africa itself exploited by outsiders<sup>11</sup>.

Este gigantesco monstro terrestre e marinho subitamente desaparece, «c'um medonho choro» (V, 60, 1)) fazendo desfazer-se perante o espanto de Vasco da Gama e dos marinheiros numa nuvem escura e imensa. Neste emocionado fragmento lírico a cólera e a ira das primeiras palavras termina em lágrimas de dor do amor não correspondido. Foi, pois, a história de um monstro marinho apaixonado por uma Nírfia, a mesma Tétis<sup>12</sup> casada com seu irmão Oceano, referida por Camões nessas belas palavras:

Ó Nírfia, a mais formosa do Oceano,  
 Já que a minha presença não te agrada,  
 Que te custava ter-me neste engano,  
 Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?  
 Daqui me parto, irado e quase insano  
 Da máguia e da desonra ali passada,  
 A buscar outro mundo, onde não visse  
 Quem de meu pranto e de meu mal se risse.  
 (Os Lusíadas, V, 57)

As nereidas, as ninfas e as sereias bem como os triões e os gigantescos monstros marinhos, todos eles possuem uma natureza oculta e temível que deve ser evitada; simultaneamente, desvendam

<sup>11</sup> G. Monteiro: *The African Lives of Adamastor*, em: "Revista da Faculdade de Letras", n.º 19/20, FLUL, Lisboa 1995-96, p. 115.

<sup>12</sup> Para Camões Tétis representa duas entidades divinas: uma Triã dos dezeito que Geia (a Mãe-terra) teve de Úrano (o Céu) e uma nínfa marinha, ou nereida(e), filha de Nereu, que foi a mãe do herói Aquiles. No entanto, esta confusão é intencional, pois permite unificar duas noções semelhantes que se referem ao mar, que é geralmente representado por Tétis ou Neptuno (via internet: <http://rutas.no.sapo.pt/Mitologia.htm>).

um lado bom e generoso, pelo qual ajudam os mortais, os seus bens e os seus navios, barcos e barinéis. Camões, claro, aproveitou a cultura clássica na sua vertente romana, sendo, porém, a cada deus atribuída uma dupla designação: romana (latina) e grega – assim foi a maioria dos deuses do Renascimento, que se infiltraram na Literatura Portuguesa por via erudita ou humanística.

Qual será o maravilhoso fantástico, «o impossível mas crível» dos relatos de naufrágios? Giulina Lanciani, tratando sobre a matriz literária desta importante produção literária portuguesa, sublinha que «O maravilhoso fantástico dos contos medievais adapta-se à difusão, na colectividade, de uma percepção cada vez mais concreta da nova realidade e das suas efectivas dimensões»<sup>13</sup>.

Apenas para dar uns exemplos, a natureza hostil da Terra do Natal é povoada, no relato mais antigo – o do famoso naufrágio de Sepúlveda (ocorrido a 24 de Junho de 1552) – é povoada por tigres, leões, serpentes e outras «feras alimárias», que constituem o perigo maior «para quem fica para trás durante a marcha, porque o comem». Com este perigo – bem repara a pesquisadora italiana – os naufragos deste relato nem da *Relação da mui notável perda do Galeão Grande São João*, de temática parecida, nunca são obrigados a medir-se. Porém, se esses animais se configurassem mais como os dados da realidade empiricamente verificada do que resíduo da tradição literária, contracenando os elefantes indianos ou cingaleses e com os hipopótamos não de todo inofensivos, as «alimárias nocivas» seriam vistas mais com temor do que com curiosidade. A *História Trágico-Martina* (1729) recolhida por Bernardo Gomes de Brito refere também mariscos (ostras, caranguejos e mexilhões na baixa-mar), peixes (pargos e tubarões), cavalos-marinhos... piolhos (sic!), observando-se algumas referências a fauna irregular (?) do Estado da Índia Portuguesa, cujo estatuto ontológico dificilmente se define, ou

descreve-se muito precisamente como «monstros» (sendo estes no nosso olhar predominantemente os monstros marinhos).

Os protagonistas da *Relação sumária da viagem que fez Fernão d'Álvares Cabral* (empreendida em 1553-1554) algures nas proximidades do cabo da Boa Esperança, antes da sua perdição causada pela tempestade, viram «da banda d'álem sair uma alimária maior que cavalo debaixo de certas lapas, e de cor negra, ao que cá donde estávamos pareceu, a qual nas partes que mostrava fora de água, que foram cabeça e pescoço, e parte do lombo, nenhuma diferença tinha de camelo; e se o assim há marinho, certo que este o era; do qual quis escrever isto, porque em nenhuma parte de todo aquele caminho achámos depois outra alimária de tal feição»<sup>14</sup>. Terá sido um cavalo marinho? Com certeza não. Um camelo marinho? Os camelos não vivem no mar. Foi um monstro marinho em pleno sentido da palavra, aliás uniforme, ainda sem o hibridismo impressionante de mulheres e homens marinhos.

Havia também alguns monstros que se escaparam tanto do mar como da escola aristotélica do verosímil, perfilhada por Horácio, aliás contígua com a antiga mitologia grega e romana, em que se criaram seres fabulosos e híbridos como os centauros, as sereias, a quimera, etc. Horácio condenou-os severamente na *Arte Poética*, defendendo que a obra de poesia deve ser simples e una, formando um todo, pois a poesia é imitação e a realidade não pode dar azo a fantasias exuberantes e irracionais. Lembremos que a obra atrás mencionada começa com a descrição dum a sereia, que o douto autor considera risível:

Se um pintor quisesse juntar a uma cabeça humana um pescoço de cavalo e a membros animais de toda a ordem aplicar plumas variegadas, de forma que terminasse em torpe e negro peixe a mulher

<sup>13</sup> G. Lanciani: *A matriz literária dos relatos de naufrágios*, em: *Sucessos e naufrágios das naus portuguesas*, Caminho, Lisboa 1997.

<sup>14</sup> M. de Mesquita Perestrello: *Relação sumária da viagem que fez Fernão d'Álvares Cabral*, em: B. Gomes de Brito: *História Trágico-Martina*, Edições Afródite, Lisboa 1971 (reimpresso de 1729), vol. I, p. 54.

de bela face, conterfeis vós o riso, ó meus amigos, se a ver tal espectáculo vos levassem?<sup>15</sup>

Ou, falando em vernáculo:

Desinat in piscem mulier formosa superne,  
Spectatum admitti risum teneatis, amici?<sup>16</sup>

Ainda na *Idade Média* encontramos uma seréia (quão diferente da imagem camoniana desse gracioso e benévolo ser marinho!) ou a «mulher marinha» numa lenda fundacional da família de os Marinhos:

O primeiro foi um cavaleiro bom que houve por nome dom Froiam, e era caçador e monetro. E andando um dia em seu cavalo per riba do mar, a seu monte, achou uma mulher marinha jazer dormindo na ribeira. E iam com ele três escudeiros seus, e ela, quando os sentiu, quis-se acolher ao mar, e eles foram tanto empos ela, até que a filharan, ante que se acolhesse ao mar. E depois que a filhou aqueles que a tomarom fe-a poer uma besta, e levou-a para sa casa.

E ela era mui fermosa, e el fe-la bautizar, que lhe nom caia tanto outro nome nem um como Marinha, porque saíra do mar; a ssim lhe pôs nome, e chamarom-lhe dona Marinha. E houve dela seus filhos, dos quais houve um que houve nome Johan Froiaz Marinho.

E esta dona Marinha nom falava nemigalha. Dom Froiam amava-a muito e nunca lhe tantas cousas pode fazer que a podesso fazer falar. E um dia mandou fazer mui gram fogueira em seu paço, e ela vinha de fora, e trazia aquele seu filho consigo, que amava tanto como seu coraçom. E dom Froia foi filhar aquele filho seu e dela, e fez que o queria enviar ao fogo. E ela, com traiva do filho, esforçou de bradar, e com o brado deitou pela boca uma peça de carne, e dali adiante falou. E dom Froia recebeu-a por molher e casou com ela.<sup>17</sup>

A história é facilmente conotada com as lendas de tipo melusiano: a ligação do antepassado, humano e mortal da família, a um ser fantástico, semi-humano, silvestre ou, como é o caso, aquático – Jacques Le Goff na sua obra *Para o novo conceito da Idade Média*

<sup>15</sup> Horácio: *Arte Poética*, Inquérito, Lisboa 2001, p. 49.

<sup>16</sup> *Ibid.*, vv. 4-5, p. 48.

<sup>17</sup> (Ed.) J. Mattoso: *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, ap. N. Alexandra, op. cit., p. 28.

(conhecida na tradução portuguesa de 1980). Ao encontro com o ser sobrenatural está associada a ideia de um interdito imposto por este, cuja quebra justifica a desgraça familiar. No caso dos Marinhos, o desaparecimento da característica da mudez que separa a ser aquático dos restantes mortais conduz ao final feliz da história.

Todavia, na literatura dos quinhentos, ainda que exista aquilo que Giulia Lanciani chamou a «dinâmica interna e os condicionamentos socioliterários do relato de naufrágio»<sup>18</sup> as imagens e a força da imaginação se tornam cada vez mais naufragadas (no sentido de perda de valores de poeticidade, salvaguardada no Rensacimento pelos recursos mitológicos) e nitidamente imitadas de uma realidade empírica, por vezes dura e dificilmente explicável. Porém, a matriz fantástica (grotesca e híbrida) do mundo narrado nunca desaparece, pelo contrário, reaparece muito singularmente no relato atribuído a Francisco Correia, composto entre 1693 e 1699 e relativo às peripécias ocorridas ao patacho (que é uma embarcação ligeira de dois mastros) chamado Nossa Senhora da Candelária.<sup>19</sup>

A *Relação do sucesso que teve o patacho chamado N. Sr.ª. Da Candelária da ilha da Madeira*, na sua primeira parte, decalca o entrecho dos outros relatos de naufrágios: depois da partida da Guiné e avistadas as ilhas de Cabo Verde, a nau encontra-se de súbito envolvida por um nevoeiro cerradíssimo e logo a seguir é assaltada por uma furiosa tempestade. Ao amanhecer, dissipado o nevoeiro e acalmados os ventos, a embarcação, gravemente ferida, é impelida, à deriva, para uma terra onde vai encalhar, que tem que ser a dos caíres. Salva a carga, os naufrágos cortam as árvores necessárias para reparar a nau, atentos para se porem a salvo ao primeiro sinal de perigo. Bem nos lembra Giulia Lanciani que a partir desse momento Francisco

<sup>18</sup> G. Lanciani, op. cit., p. 76.

<sup>19</sup> Sobre o elemento fantástico na literatura de viagens cf. M. A. Amorim: *Viagem e mirabilia: monstros, espanos e prodígio*, em: (coord.) F. Crisóvão: *Condiçionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografias*, Edições Cosmos, Lisboa 1999, passim.

Correia - «mestre do mesmo patacho» e ele-próprio narrador, na primeira pessoa, de aventuras das quais teria sido testemunha ocular - começa a afastar-se da estrutura consagrada nos relatos de naufrágios por um século e meio de tradição, e retorna ao modelo medieval do conto de viagem<sup>20</sup>. De facto, os naufrágios bem depressa se dão conta de terem atracado numa ilha desconhecida que tem todas as características do *locus amoenus* ou de uma Ilha dos Amores à camoniana, rica e fértil como a ilha à qual aporta o protagonista de *A Vida de Santo Amaro*, que Mário Martins nos seus *Estados de Literatura Medieval* (1956) definiu como uma aventura marítima digna dum Júlio Verne. Essa terra é povoada de aves e monstros (monos e cobras), alguns míticos, outros reproduzindo seres exóticos vistos, porém, com os olhos da imaginação, como uma belíssima mulher marinha, que parece ter saído de um bestiário fantástico ou de um capitel românico:

Vimos sair das águas uma mulher marinha (...). Tinha todas as perfeições até à cinta, que se discorrem na mais formosa, e somente a desfevavam as grandes orelhas que tinha, pois lhe chegavam abaixo dos ombros, e, quando as levantava, lhe subiam a distância de mais de meio palmo por cima da cabeça. Da cinta para baixo toda estava coberta de escamas, e os pés eram do feitio de cabra, com barbatanas pelas pernas. Tanto que se viu no monte, pressentindo ser vista, deu tais berros que estremeceu a ilha pelo retumbo dos ecos; e saíram tantos animais, e de tão diversas castas, que nos causou muito medo. Arrojou-se finalmente ao mar pela outra parte, com tal ímpeto que sentimos nas águas a sua veemência.<sup>21</sup>

A mulher marinha devia ter por companheiro o homem marinho, cuja descrição Francisco Correia nos apresenta de seguinte modo:

... junto a Tenerife, vi um homem marinho de tão horrendo feitio, que parecia o demónio. Tinha somente a aparência do homem na cara, na cabeça não

<sup>20</sup> G. Lanciani, op. cit., p. 77.

<sup>21</sup> Ft. Correia: *Relação do sucesso que teve o patacho hamado N. S.<sup>ra</sup> da Candelária da ilha da Madeira*, em G. Lanciani: *Sucessos e Naufrágios...*, op. cit., pp. 556-557.

tinha cabelos, mas uma armação como de carneiro, revirada com duas voltas; as orelhas eram maiores que as de um burro, a cor era parda, o nariz com quatro ventas, um só olho no meio da testa, a boca rasgada de orelha a orelha, e duas ordens de dentes, as mãos como de bugio, os pés como de boi, e o corpo coberto de escamas, mais duras que conchas. Uma tempestade o lançou em terra, e tais bramidos deu, que entre eles expirou. E para memória se mandou copiar a sua forma, e se conserva na Casa da cidade daquela ilha<sup>22</sup>.

O narrador não se maravilha nem assusta com a aparição de um par de monstros marinhos (mesmo que o macho marinho fosse muito feio!), como afirma ter visto monstros marinhos nas suas viagens e já ter perdido o medo com «outras semelhantes aparições.» A fantasia de autores e a ganância de mercadores chegará a fazer referências a comércio de mechas de cabelo loiro (ou ruivo?) de uma serieia em Génova e outras cidades italianas, por alegadamente ter possuído propriedades medicinais. E há referências anteriores sobre a apresentação de seres marinhos ao próprio D. Manuel I. Vários autores aludem às visões que Cristóvão Colombo antes já as tivera delas, na América<sup>23</sup>.

Escolhemos alguns exemplos de monstruosidade figurativa em literatura portuguesa, constituindo um *corpus* bastante aleatório de fragmentos de crónicas medievais, do poema épico camoniano e de referências a alguns relatos de naufrágios da História *Trágico-Martina*, onde se dava conta de um conjunto muito vasto de maravilhas aí encontradas e descritas. As maravilhas, ou *mirabilia* englobam narrativas de acontecimentos mais ou menos estranhos (mas explicáveis do ponto de vista científico à luz das particularidades físicas características de uma determinada região) e descrições completamente invulgares e impossíveis, como o contacto com os monstros marinhos e com homens selvagens foram sendo alvo de vários relatos e várias descrições ao longo dos séculos. Estas segundas estórias (para não usar a palavra fábulas) guardam a memória e

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 557.

<sup>23</sup> N. Alexandra, op. cit., p. 30.

interpretam, trazem à consciência europeia as experiências, crenças e inquietações de ser-se-á no Oriente, em África e no Brasil. Os escritores itinerantes ou domiciliados ouvem relatos cuja verdade é menos histórica e mais novelesca, maravilhosa, jocosa, simbólica, literária. Mas o homem saído dos Descobrimentos e da Europa do Renascimento não se limita a registar o que ouve. Depois de ter desafiado velhas ideias ao atravessar os mares, irá confrontar crenças ancoradas na cultura tradicional (tanto popular como erudita) desde a Antiguidade Clássica com a observação directa de espécies animais até então desconhecidas na Europa. Com ela procura justificar os velhos mitos. Garcia de Orta, no seu célebre *Colóquio dos Simples e drogas da Índia* referiu a intervenção do médico do vice-rei de Goa, Dimas Bosque, que fez, em 1560, um exame de uma espécie de cetáceos dos mares da Índia, chamados «dugongs», e que comparou às sereias<sup>24</sup>. E o que teria sido, na verdade, o feíssimo monstro marinho, que se matou na capitania de S. Vicente, no ano de 1564 no relato de Pêro de Magalhães de Gândavo sobre a *História da Província de Santa Cruz* (1576)? «Era aquilo coisa do mar» - diz o cronista, reconhecendo-lhe movimentos humanos, as barbatanas do rabo, focinho com «umas sedas mui grandes, como bigodes»<sup>25</sup>. Então o que era? Um «tigre» ou outro animal da terra já conhecido? O «monstro» seria uma palavra genérica, que ao próprio autor parece insuficiente. Magalhães de Gândavo diz então: «os índios da terra lhe chamam em sua língua hpupiyara, que quer dizer «demónio de água» e logo acrescenta: «alguns como este se viram já nestas partes; mas acham-se raramente», para concluir: «e assim também deve de haver outros muitos monstros de diversos pareceres, que no abismo desse largo e espantoso mar se escondem, de não menos estranheza e admiração.»<sup>26</sup>

<sup>24</sup> Ap. N. Alexandra, *ibid.*

<sup>25</sup> P. de Magalhães de Gândavo: *Do monstro marinho quo se matou na capitania de S. Vicente, no ano de 156*, em: *História da Província de Santa Cruz* (1564), em: M. E. Tarracha Ferreira, op. cit., p. 393-394.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 394.

Pena este bellissimo monstro marinho fosse morto com muito derramamento de sangue pelo filho do governador da capitania de S. Vicente, cujo nome era Baltasar Ferreira, porque lhe parecia que era «alguma visão diabólica», cumprindo também um acto de defesa de uma jovem índia, escrava do mesmo capitão. «E tudo se pode erer, por difficil que pareça, porque os segredos da Natureza não foram revelados todos ao homem, para que, com razão, possa negar e ter por impossivel as coisas que não viu, nem de que nunca teve notícia.»<sup>27</sup>

Bem dizia o filósofo de Estagira que o poeta, imitando e narrando os acontecimentos, seja na própria pessoa, seja por intermédio de outras, pode representar o impossível. É um erro, desculpável, se atingiu a finalidade própria da poesia, pois «o poeta é imitador», sendo ele também um fingidor - facto bem conhecido da lição pessoal. Céticos ou crentes, nunca domesticamos por completo os monstros marinhos. Mas o mito não se perdeu, as nereidas e os tritões passaram do onírico e do inatingível para o universo de artes plásticas e de literatura. E lá vão gerando vozes narrativas e arrebatando a imaginação do leitor-espectador ao serviço de um novo exercício de representação mimética. Com a libertação deste dispositivo imagético enxergámos uma Musa e uma Esfinge nos regatos da Lusitanística de Polónia. Existem, pois, várias categorias de monstros marinhos e terrestres e o que vale é captar o imaginário do público para construir uma história que qualquer pessoa possa sentir como sendo sua.

<sup>27</sup> *Ibid.*

## Bibliografia

- Nair Alexandra: Sereias, Tritões, Nereidas, em: "História", no 48, Setembro 2002, ano XXIV (III série), pp.26-31.
- Aristóteles: Poética, 5ª ed., (trad., pref., introd., comentário e apêndice), Eudoro de Sousa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 1998.
- Bernardo G. de Brito: História trágico-marítima, Edições Afródite, Lisboa 1977, vol. I e II.
- Luis Vaz de Camões: Os Lusíadas, (introd. S. A. Benedito, notas A. Leirão), Ulisseia, Lisboa s.d. (1988).
- Horácio: Arte Poética, 2ª ed., (introd., trad., notas e comentário:) R. M. Rosado Fernandes, edição bilingue, Inquérito, Lisboa 2001.
- Giulia Lanciani: Sucessos e naufrágios das naus portuguesas, Caminho, Lisboa 1997.
- Literatura de viagens I e II, em: História e Antologia da Literatura Portuguesa século XVI (fascículos), no 22 e 23, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2002.
- Ana Maria Magalhães, Isabel Alçada: Portugal – História e Lendas, 2ª ed., Caminho, Lisboa 2001.
- George Monteiro: The African Lives of Adamastor, em: "Revista da Faculdade de Letras", no 19/20, FLUL, Lisboa 1995-96, pp. 115-125.
- Manuel dos Santos Alves: Dicionário de Camões, Editora Universitária, Lisboa 1994.
- (org., introd. e notas) M. Ema Tarrachá Ferreira: Literatura dos Descobrimentos e da expansão portuguesa, Ulisseia, Lisboa s. d. (1993).  
(Via internet) [http://trutas.no.sapo.pt/Mitologia\\_e\\_Adamastor/hm](http://trutas.no.sapo.pt/Mitologia_e_Adamastor/hm), 3.05.2003.

LUBELSKIE MATERIAŁ Y NEOFILOLOGICZNE NR 27, 2003

Aleksandra Kędzierska

**The Diamond Turned Ash: Some Remarks  
on Barańczak's Translation of G.M. Hopkins's  
"As Kingfishers Catch Fire"**

Anybody familiar with the work of Gerard Manley Hopkins realizes the cardinal importance of his notion of "in scape" – the foundation determining the specificity and uniqueness of his poetry. Though in existence since 1868, "in scape" – one of Hopkins's most famous coinages (cf. MacKenzie 232), indeed "the most famous word he contributed to our [English] language" (Martin 205) – revealed its full significance at Stonyhurst where, in the writings of Joannes Duns Scotus, the medieval Franciscan scholastic, Hopkins found "a philosophical framework for his poetic attitude to nature" (Kenny 9). At the heart of this attitude lay the poet's awareness of the infinite variety of and abundance in creation, whose every single species possessed its God-given distinctive character, "the inner coherence of the individual, distinguishing it from any other example" (Martin 205). In his sacramentalized world "full of in scape", any apprehension of beauty invariably led the onlooker "deep down things", where, inherent in each unique selfhood, the divine presence manifested itself, both as stress and "in stress" – the energy producing and sustaining "in scape", the selving force of each thing without which it becomes meaningless. "Whenever an ecstatic, visionary or a workaday effort", "in scape" was "the insight by the Divine grace into the ultimate reality" (McChesney 204), allowing as W.H. Gardner